

Jesus: ontem, hoje e sempre

Jesus: ontem, hoje e sempre

N. T. WRIGHT

Traduzido por Susana Klassen



MUNDO CRISTÃO

Copyright © 2000, 2015 por N. T. Wright
Publicado originalmente por The Society for Promoting Christian
Knowledge, Londres, Inglaterra.

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da *Nova Versão Transformadora* (NVT), da Tyndale House Foundation, salvo a seguinte indicação: *Nova Versão Internacional* (NVI), da Bíblia, Inc.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

W934j

Wright, N. T.

Jesus: ontem, hoje e sempre / N. T. Wright ; tradução Susana Klassen. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2022.
192 p.; 23cm.

Tradução de: The challenge of Jesus: rediscovering who Jesus was and is.

ISBN 978-65-5988-157-4

1. Cristianismo - Jesus. 2. Ensinamentos - Bíblia. 3. Palavra de Deus (Teologia cristã). I. Klassen, Susana. II. Título.

22-79210

CDD: 220.13

CDU: 27-14

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

Edição

Daniel Faria

Revisão

Natália Custódio

Produção

Felipe Marques

Diagramação

Marina Timm

Colaboração

Ana Luiza Ferreira

Capa

Jonatas Belan

Publicado no Brasil com todos os
direitos reservados por:

Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 69

São Paulo, SP, Brasil

CEP 04810-020

Telefone: (11) 2127-4147

www.mundocristao.com.br

Categoria: Teologia

1ª edição: outubro de 2022

*Para Simon Kingston,
editor e amigo*

Sumário

<i>Prefácio à segunda edição</i>	9
<i>Prefácio à primeira edição</i>	15
1. O desafio de estudar Jesus	17
2. O desafio do reino	36
3. O desafio dos símbolos	55
4. O Messias crucificado	74
5. Jesus e Deus	94
6. O desafio da Páscoa	121
7. Caminhando para Emaús em um mundo pós-moderno	143
8. A luz do mundo	166
<i>Notas</i>	188

Prefácio à segunda edição

Jesus continua a desafiar todos nós de diversas maneiras. Quando escrevi as primeiras preleções nas quais este livro se baseou, com certa pressa para o congresso em janeiro de 1999, não fazia ideia das reviravoltas que ocorreriam no mundo acadêmico, no mundo cristão em geral e no mundo mais amplo do perigoso século 21 que estava prestes a começar. Permita-me comentar algo a respeito de cada um deles. Permaneço convicto de que o retrato que esbocei de Jesus e do desafio que ele apresenta para seus seguidores no mundo de hoje é histórica, teológica e praticamente coerente. Ainda assim, tivemos novos acontecimentos.

No meio acadêmico, as coisas não ficaram estacionadas. Embora hoje eu trabalhe em outras áreas, na vida da igreja e no estudo do apóstolo Paulo, três áreas de discussão em andamento chamaram minha atenção.

A primeira se refere ao templo. Quando comecei a pesquisar, poucas pessoas na academia ou no âmbito popular falavam sobre a relação entre Jesus e o templo. Geza Vermes, em sua conhecida obra *Jesus, o judeu*, não considerou que a ação de Jesus no templo fosse digna de muita atenção. Ed Sanders mudou esse conceito em sua obra *Jesus and Judaism* [Jesus e o judaísmo], tornando fundamental o mesmo incidente; mas, ao que parece, nem o próprio Sanders percebe o quanto as asserções que Jesus fez foram verdadeiramente extraordinárias. Afinal, o templo era, supostamente, o lugar em que céu e terra se encontravam e realizavam suas transações. Para muitos cristãos modernos, o templo se figura apenas como uma estrutura magnífica, semelhante a uma igreja: um lugar de adoração, mas não o microcosmo, o “pequeno mundo” em que céu e terra estavam contidos em ínfimo espaço. Uma vez que essa é a linguagem que os cristãos costumam usar para a encarnação, talvez devamos prestar mais atenção em como Jesus interagiu com o templo, e em sua afirmação implícita, ao falar de si próprio, de que o superaria, ou mesmo

o substituiria. Claro que os cristãos primitivos continuaram a se reunir no templo de Jerusalém e prestar culto ali. Não foi, por assim dizer, uma troca direta. Na época de Paulo, contudo, os cristãos já enxergavam seu novo movimento (semelhante a Qumran, que os antecedeu) como um novo templo em algum sentido.

O segundo tema que continuo a explorar é associado de modo próximo ao primeiro. Em *Jesus and the Victory of God* [Jesus e a vitória de Deus] e depois sucintamente no presente livro, propus que uma forma de compreender o entendimento que Jesus tinha de si mesmo era a crença judaica de que $\Upsilon\text{H}\text{W}\text{H}$, o Deus de Israel, havia prometido, de longa data, voltar em presença gloriosa a Jerusalém e ao templo. Em nenhum lugar na literatura do segundo templo encontramos alguém que afirme que isso havia ocorrido. No entanto, os Evangelhos estruturam sua narrativa de Jesus exatamente dessa forma. Marcos começa com citações de Malaquias e Isaías que tratam explicitamente da preparação para a volta de $\Upsilon\text{H}\text{W}\text{H}$. O prólogo de João chega ao ápice com um versículo que repercute a vinda da glória divina ao tabernáculo em Êxodo 40, ao templo de Salomão em 1Reis 8 e ao novo templo profetizado em Ezequiel 43. Quanto mais estudo esse tema, mais o considero fundamental para a maior parte da (senão toda a) cristologia do Novo Testamento. E creio que foi fundamental para o entendimento de Jesus de si mesmo.

Cabem aqui duas observações. Em primeiro lugar, ainda deparamos com o velho comentário depreciativo de que “Jesus falava de Deus, mas a igreja falava de Jesus”, como se, de algum modo, isso significasse que Jesus teria ficado horrorizado de ouvir as coisas estranhas que seus seguidores diriam a seu respeito mais adiante. No entanto, essa é uma ideia equivocada. Jesus falava com frequência a respeito de Deus, a respeito do Pai, a respeito do reino de Deus, *justamente para explicar suas ações e o motivo delas*. Ele acreditava, verdadeiramente, que estava dando início ao tão esperado “reino de Deus” na terra como no céu. E ele acreditava, verdadeiramente, que lhe custaria a vida.

Segundo, porém, essa observação não me faz cair na ideia oposta com a qual também ainda deparamos de que Jesus simplesmente andava por aí “consciente de que era divino”. Se existe perigo de uma perspectiva ebionita moderna, de que Jesus foi apenas um ser humano muitíssimo

bom, também existe perigo de um docetismo moderno, em que Jesus era tão “divino” que apenas *parecia* humano, embora não o fosse de fato. Evidentemente, temos de ser cautelosos ao tratar dessa questão. Creio, e proponho neste livro, que Jesus agiu e falou como o fez porque de fato acreditava que era sua vocação corporificar a chegada do tão aguardado Deus de Israel, que traz cura, salvação, julgamento, vida e sabedoria. O que desejo explorar é o *tipo de conhecimento* que ele parecia ter. As cenas no Getsêmani e na cruz — sem falar da tentação depois do batismo e de sua perigosa repetição por Pedro em Cesareia de Filipe — mostram que a consciência de Jesus de sua vocação era exatamente isso: consciência pela fé, suscetível a provação, desafio e até mesmo dúvida. Isso não significa que não fosse real, ou que não fosse verdadeira.

Talvez eu deva dizer que tenho um conceito elevado da consciência, pela fé, da vocação. Tive o privilégio de trabalhar com várias pessoas que tiveram dificuldade com o chamado de Deus em sua vida. Muitas vezes, dizem: “*Creio* que Deus me chamou”. Cabe à igreja, então, receber seu ministério, declarar que o povo de Deus reconhece e *tem consciência* da veracidade dessa vocação. Claro que essa é apenas uma analogia parcial, mas espero que seja útil. A presente discussão deve, no mínimo, nos lembrar de que, de acordo com o próprio Novo Testamento, só sabemos com absoluta clareza quem “Deus” é quando olhamos para Jesus. Em muitas ocasiões, a igreja pressupôs que soubesse exatamente quem Deus é (talvez a divindade exaltada e indiferente do deísmo?) e, então, projetou sobre Jesus uma ideia de como “deus” seria caso se tornasse encarnado. De acordo com o Novo Testamento, descobrimos Deus ao olhar para Jesus, e não vice-versa.

Um dos problemas do conceito “tradicional” ou “ortodoxo” (segundo o qual o mais importante a respeito de Jesus era sua consciência de sua divindade e seu desejo de comunicar e revelar esse fato a outros) consiste, como vim a perceber, na facilidade com que pode obscurecer aquilo que esse Deus-de-Israel encarnado tinha vindo *fazer*. É possível olharmos para Jesus e dizer: “Sim, ele é divino” e imaginar que essas palavras nos fazem “parecer” cristãos, de prontidão e na expectativa de “ir para o céu”. Contudo, a questão central da “divindade de Jesus” na verdade é que Jesus estava *dando início ao reino de Deus na terra como no céu*. Vim a

entender o seguinte: a “divindade” de Jesus é a escala em que a música é escrita, mas não é a melodia tocada. A melodia é “o reino de Deus”.

Essa ideia também foi abordada por dois ângulos, o que me leva ao terceiro ponto a respeito dos meios acadêmicos. Em que sentido o “reino veio” na carreira pública de Jesus e, depois, de modo supremo, por meio de sua crucificação e ressurreição? Muitos levantaram objeções a minha exposição do reino nos ensinamentos de Jesus, insistindo que ele verdadeiramente esperava que o mundo acabasse, ou algo do gênero, em poucos anos. Pronunciei-me repetidamente contra essa ideia, com base na maneira que a linguagem “apocalíptica” opera tanto no mundo judaico quanto nos escritos do cristianismo primitivo. Entra em cena a divisão: de acordo com alguns, Jesus prometeu o fim do mundo e se equivocou; de acordo com outros, Jesus disse que o reino viria em breve, mas estava se referindo à Transfiguração, ou a algo semelhante. Estes últimos afirmam, ainda, que o reino só virá de modo devido e pleno quando Jesus voltar. A meu ver, essa proposta parece desconsiderar aquilo que os quatro Evangelistas dizem, cada um à sua maneira, a saber, que a crucificação foi, na realidade, a entronização de Jesus como “Rei dos judeus” e que, quando o Jesus ressurreto declara em Mateus: “toda a autoridade [...] no céu *e na terra*”, essa verdade se aplica ao entendimento do reino por toda a igreja primitiva e pelo próprio Jesus. Sem dúvida, essa discussão prosseguirá.

Contudo, foi esse tema do reino de Deus que exerceu efeito surpreendente (a meu ver) no nível menos acadêmico da vida da igreja. Naturalmente, é motivo de grande prazer ver que muitos líderes e professores de tradições diferentes da minha têm usado meu trabalho. Fui convidado para falar em igrejas do movimento Vineyard, em igrejas “emergentes”, em diversos encontros pós-modernos de cristãos que não têm outro rótulo além da insatisfação com o que encontraram nas igrejas de sua infância. Expressei, com frequência, divertida surpresa: como é possível essas pessoas se reunirem em torno de um bispo anglicano de meia-idade? A resposta parece ser que o ensino de Jesus a respeito do reino de Deus, que apresentei em *Jesus and the Victory of God* e também no presente livro, tem sido, para muitos, como água fresca em um dia quente. É aquilo pelo que esperavam, mas não sabiam. Repetidamente, ouço: “Minha igreja nunca ensinou esse tema, nem pregou sobre ele, mas

é a coisa mais relevante que já ouvi”. O reino é um livro fechado para muitos, e eu, de forma inteiramente acidental, por assim dizer, pareço tê-lo aberto um pouquinho.

Diante disso, duas perguntas vêm à mente de imediato: o que o reino significava na igreja primitiva e o que significa em nossos dias. Quanto à igreja primitiva, um teste decisivo consiste em considerar o que Jesus quis dizer quando respondeu à pergunta dos discípulos em Atos 1.6: “Senhor, será esse o momento em que restaurará o reino a Israel?”. Na opinião de muitos cristãos, a resposta de Jesus (“Não compete a vocês saber o tempo ou as datas [...] mas receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas”, v. 7, NVI) é, basicamente: “Não, mas...” Não, o reino ainda não virá, mas, entretantes, vocês têm um trabalho a fazer. A meu ver, porém, a resposta é: “Sim, mas...” Sim, o reino já se iniciou, mas o trabalho que vocês têm a fazer não é de nobres cortesãos assentados à minha direita e à minha esquerda, organizando o reino no sentido habitual. O trabalho que vocês têm a fazer, no poder do Espírito, é de sair e dar testemunho. Como as Bem-aventuranças do Sermão do Monte deixam claro, quando Deus deseja colocar o mundo em ordem ele não envia tanques de guerra. Ele envia os mansos, os quebrantados, os que têm fome de justiça, os pacificadores, os de coração puro, e assim por diante. Leia Atos e veja essa verdade em ação. Tenho convicção de que era isso que Jesus tinha em mente desde o começo. Ele acreditava que estivesse dando início ao reino de Deus na terra, mas, assim como ele redefiniu radicalmente a forma que a batalha decisiva seria vencida (a cruz), também redefiniu radicalmente a forma que essa vitória seria implementada (na vocação para o serviço). É disso que trata Marcos 10.35-45. A igreja costuma interpretar essa mensagem equivocadamente; procura apenas a “expição” (“o Filho do Homem veio para dar a vida em resgate por muitos”) e não enxerga a redefinição de poder dentro da qual essa declaração fundamental se encontra (“os governantes da presente era fazem as coisas de uma forma; nós, porém, a faremos de outra”). Hoje, vejo esse fato mais claramente que quinze anos atrás. Talvez a experiência, ainda que superficial, com os círculos de poder da sociedade inglesa tenha me alertado, mais do que percebi na época, para a redefinição de poder conforme o evangelho.

E talvez isso explique minha perspectiva atual do novo século em que vivemos. Ninguém imaginou, em janeiro de 1999, o que aconteceria menos de três anos depois, quando aviões colidiram com prédios e o mundo mudou para sempre. O mundo ocidental e a igreja ocidental se mostraram vergonhosamente despreparados não apenas para os atos terríveis e perversos de 11 de setembro de 2001, mas também para os desafios de cosmovisão que esses acontecimentos trouxeram consigo. Por muito tempo, o cristianismo ocidental havia acreditado, pelo menos implicitamente, que religião e política eram coisas tão separadas que ninguém precisava se dar o trabalho de pensar como poderiam interagir uma com a outra. A reação à atrocidade foi, portanto, previsível: combater fogo com fogo. O resultado dessa abordagem, por sua vez, também foi previsível: há muito mais inquietação no Oriente Médio e há um número muito maior de terroristas hoje do que quinze anos atrás.

Nesse sombrio e estranho mundo novo, precisamos urgentemente de uma nova luz. Jesus de Nazaré trouxe essa luz muito tempo atrás. O mundo e a igreja a consideraram resplandecente demais, e não temos poupado esforços para encobri-la ao falar incessantemente sobre espiritualidade pessoal no presente e salvação “celestial” no futuro. Mas, quando Jesus nos ensinou a pedir em oração que o reino de Deus viesse e a vontade de Deus fosse feita assim na terra como no céu, ele estava falando sério. Quando ele disse que toda a autoridade lhe foi dada *na terra* como no céu, também estava falando sério. Mal começamos a imaginar o que isso significa na prática. É minha esperança e minha oração, porém, que este pequeno livro seja, pelo menos para alguns, uma introdução para aquilo que Jesus quis dizer naquela ocasião e, portanto, que seja um convite para refletir a respeito do que ele quer dizer hoje e amanhã, ao continuar a nos chamar para ser suas testemunhas até os confins da terra.

N. T. Wright
Faculdade de Teologia de St. Mary,
Universidade de St. Andrews, Escócia, 2015

Prefácio à primeira edição

Na presente obra, tenho três assuntos de interesse. O primeiro é a integridade histórica ao falar sobre Jesus. Para dizer a verdade, muitos cristãos se mostraram desleixados ao refletir e falar sobre Jesus e, portanto, infelizmente, ao orar e praticar o discipulado. Não podemos partir do pressuposto de que, ao dizer a palavra “Jesus” e, muito menos, a palavra “Cristo”, estamos automaticamente em contato com o verdadeiro Jesus que andou e falou na Palestina do primeiro século, o Jesus que, de acordo com a Carta aos Hebreus, é o mesmo ontem, hoje e para sempre. Não temos liberdade de criar um Jesus diferente. Também não podemos dizer que, pelo fato de termos os Evangelhos e o Novo Testamento, sabemos tudo o que precisamos a respeito de Jesus. Como o conteúdo apresentado aqui mostrará, e como meus textos mais longos revelam mais detalhadamente, as tradições cristãs muitas vezes entenderam de maneira extremamente equivocada a imagem de Jesus nesses Evangelhos, e é apenas por meio de árduo trabalho histórico que podemos nos mover em direção a uma compreensão mais plena daquilo que os Evangelhos procuram dizer.

O segundo interesse é pelo discipulado cristão que professa seguir o verdadeiro Jesus. As disciplinas de oração e estudo da Bíblia precisam ser, repetidamente, arraigadas no próprio Jesus para que não se tornem ídólatras e egocêntricas. Muitas vezes, calamos o rigoroso desafio de Jesus, reconstruímos Jesus à nossa imagem e depois nos perguntamos por que nossa espiritualidade pessoal deixou de ser empolgante e transformadora. Ao longo do texto a seguir, espero tratar dessa questão, pelo menos de forma implícita. Como alguém comentou comigo depois de uma palestra que dei em um congresso, o Jesus que descrevi é um ser humano empolgante e profundamente instigante, algo que nem sempre fica visível nos vitrais da figura de Cristo que ocupam boa parte da imaginação cristã, seja de tradição católica, protestante, ortodoxa ou evangélica.

Terceiro, tenho interesse especial em colocar na mente, no coração e nas mãos da próxima geração de cristãos pensantes uma missão que siga o modelo de Jesus e a motivação para realizá-la, uma missão que transforme nosso mundo pelo poder do evangelho de Jesus. Aqueles que estudam nas universidades e atuam no mercado de trabalho de nosso mundo e desejam ser cristãos leais precisam voltar a refletir sobre o que a lealdade a Jesus significa na prática. Não basta fazer orações em casa, manter uma elevada moralidade pessoal e, depois, sair para trabalhar na reconstrução da torre de Babel. A substância e a estrutura dos diferentes aspectos de nosso mundo precisam ser questionadas à luz da realização singular de Jesus e de nossa comissão para ser para o mundo o que Jesus foi para o Israel de sua época.

Esse tema final explica por que, especialmente nos dois últimos capítulos, fiz todo o possível para tratar, ainda que de forma sucinta, do clima cultural de hoje no mundo ocidental. O rótulo informal e, por vezes, enganoso de “pós-modernidade” aponta para muitos aspectos incômodos e, ao mesmo tempo, desafiadores de nossa cultura. Alguns cristãos consideram esses elementos extremamente ameaçadores. Creio que a mensagem de Jesus Cristo nos permite olhar para eles de forma direta, reconhecendo em que aspectos a pós-modernidade tem a dizer algo que não podemos nos dar o luxo de ignorar, mas afirmando categoricamente que temos de atravessar isso tudo e nos lançar a novas tarefas e possibilidades. Assim como a integridade exige que reflitamos com clareza e rigor a respeito de Jesus, também exige que reflitamos com clareza e rigor a respeito do mundo em que o seguimos hoje, o mundo que somos chamados a moldar com a mensagem de amor e transformação do evangelho.

1

O desafio de estudar Jesus

Introdução

Um amigo meu, que estava lecionando em uma faculdade de teologia no Quênia, apresentou para seus alunos “A busca do Jesus histórico”. Explicou-lhes que esse foi um movimento de pensamento e de estudos acadêmicos que, em suas formas iniciais, se desenvolveu principalmente na Alemanha nos séculos 18 e 19. Não tinha avançado muito na explicação sobre essa busca por Jesus quando um dos alunos o interrompeu. “Mestre”, ele disse (“Assim que ele me chamou de ‘mestre’, eu soube que estava em apuros”, meu amigo comentou), “se os alemães perderam Jesus, é problema deles. Nós não o perdemos. Nós o conhecemos e o amamos.”

A pesquisa sobre Jesus é, de longa data, controversa, especialmente entre cristãos devotos. Muitos no mundo cristão mais amplo se perguntam se há algo de novo a dizer sobre Jesus e se a tentativa de dizer algo novo não é uma negação dos ensinamentos da igreja ou da suficiência das Escrituras. Quero me embrenhar nesse espinheiro logo no início e explicar por que considero não apenas permissível, mas também primordialmente necessário, que voltemos a tratar de quem Jesus era e, portanto, de quem ele é. Ao fazê-lo, não tenho, de maneira nenhuma, a intenção de negar ou solapar o conhecimento de Jesus ao qual o aluno queniano se referiu, a experiência em comum na igreja através dos séculos e em culturas amplamente distintas. Antes, considero o trabalho histórico parte da atividade apropriada de conhecimento e amor, de conhecer ainda melhor aquele que dizemos conhecer e seguir. Se até mesmo em um relacionamento humano de conhecimento e amor podem ocorrer mal-entendidos, impressões falsas e pressuposições equivocadas que precisam ser trazidas à luz e tratadas, quanto mais quando aquele com quem nos relacionamos é Jesus.

Aliás, creio que a busca histórica por Jesus é um aspecto essencial e não negociável do discipulado cristão e que, em nossa geração, temos a

oportunidade de ser renovados em discipulado e missão exatamente por meio dessa busca. Quero explicar e justificar essas crenças logo no início. A busca é acompanhada, contudo, de grandes problemas e até de perigos, como seria de esperar de qualquer coisa repleta de potencial para o reino de Deus, e também precisarei tratar deles sucintamente.

Existem riscos bastante conhecidos associados até à simples discussão desse tema, e é melhor sermos claros a respeito desses perigos. É extremamente fácil, quando estamos entre amigos que pensam como nós, tornar-nos complacentes. Ouvimos falar de novas teorias absurdas sobre Jesus. A cada um ou dois meses, uma editora apresenta um sucesso de vendas dizendo que Jesus foi um guru da Nova Era, um maçom egípcio ou um revolucionário *hippie*. A cada um ou dois anos, um estudioso ou um grupo de estudiosos lança um livro novo, cheio de notas de rodapé impressionantes, para dizer que Jesus era um camponês que fazia parte do movimento filosófico cínico, um grande orador itinerante ou um pregador de valores liberais que nasceu na época errada. No dia em que estava revisando o primeiro capítulo deste livro para publicação, vi um artigo de jornal sobre uma nova controvérsia, iniciada por ativistas de direitos dos animais, a respeito da dieta de Jesus, procurando identificar se ele era vegetariano.

É possível que nossa reação diante de coisas desse tipo seja dizer que não passam de perda de tempo, que sabemos todo o necessário a respeito de Jesus e que não há mais nada a dizer. Muitos cristãos devotos que adotam essa linha se contentam com uma superioridade fácil: conhecemos a verdade, esses liberais tolos entenderam tudo errado, e não temos nada de novo a aprender. Por vezes, pessoas como eu são colocadas no meio da discussão para mostrar, supostamente, a verdade do “cristianismo tradicional”, com a conclusão implícita de que agora podemos parar de fazer essas perguntas históricas desagradáveis e prosseguir com alguma outra coisa, quem sabe algo mais proveitoso.

A reação de outros, porém, consiste em recorrer a estereótipos igualmente enganosos. A defesa de um suposto Jesus “sobrenatural” pode se degenerar facilmente em um retrato de Jesus como uma espécie de Super-homem do primeiro século, sem perceber que o próprio mito do Super-homem é, em última análise, uma corrupção dualista da história cristã. Muitas imagens de Jesus em circulação parecem bastante devotas,

mas desconsideram o que o Novo Testamento diz sobre o ser humano chamado Jesus de Nazaré, ou sobre o que significava em seu contexto original.

Não é minha intenção incentivar nenhuma dessas atitudes. Repito: considero a busca histórica contínua por Jesus parte necessária do desenvolvimento do discipulado cristão. Duvido muito que, na presente era, chegamos ao ponto em que sabemos tudo o que há para se saber e entendemos tudo o que há para se entender sobre Jesus, quem ele era, o que ele disse e fez e quais foram seus propósitos com tudo isso. Mas, uma vez que o cristianismo ortodoxo sempre se apegou firmemente à crença fundamental de que descobrimos quem Deus é ao olhar para Jesus, parece-me inquestionável que tenhamos a expectativa de estar em uma busca contínua por Jesus, como parte, ou talvez como a vanguarda, de nossa exploração do próprio Deus.

Evidentemente, essa ideia tem certas implicações. Se é verdade que a fé cristã não pode arrogar as perguntas históricas a respeito de Jesus, também é verdade que o estudo histórico não pode ser realizado em um vácuo. O Iluminismo nos ensinou a supor que história e fé são antitéticas e que lançar mão de uma é abrir mão da outra. Logo, historiadores costumam ser alvo de suspeitas da comunidade de fé, assim como cristãos sempre são vistos com suspeita na comunidade da historiografia secular. Quando o cristianismo é mais fiel a si mesmo, porém, nega exatamente essa dicotomia, por mais incômoda que seja sua negação para aqueles de nós que procuram viver em ambas as comunidades ao mesmo tempo e falar a partir delas e para elas. Na verdade, creio que o desconforto é, ele próprio, um aspecto da vocação cristã: enquanto nosso mundo passa pela dor intensa provocada pelos espasmos de morte do Iluminismo, o cristão é chamado não a se manter afastado dessa dor, mas a participar dela. Falarei mais a esse respeito no capítulo final deste livro. Não sou um historiador secular que, por acaso, crê em Jesus, nem sou um cristão que, por acaso, tem gosto por história; sou alguém que acredita que ser cristão implica, necessariamente, interagir com a história, e quando essa interação acontece para valer, opõe-se a versões espúrias do cristianismo (entre elas, muitas que se consideram ortodoxas), mas sustenta e regenera uma ortodoxia profunda e verdadeira, algo que sempre será surpreendente e desafiador.¹

Tratemos, agora, do lado positivo. O que torna essencial estudarmos Jesus?

A necessidade da busca

O motivo mais básico para tratar do aspecto histórico de Jesus é que fomos feitos para Deus: para a glória de Deus, para adorar a Deus e refletir a semelhança de Deus. Esse é o maior desejo de nosso coração e a fonte de nossa mais profunda vocação. Contudo, o cristianismo sempre afirmou, conforme João 1.18, que ninguém jamais viu Deus, mas que Jesus revelou Deus. Só descobriremos quem é o verdadeiro Deus vivo quando correremos o risco de olhar para Jesus. Por isso as discussões contemporâneas sobre Jesus são tão importantes; em última análise, são discussões sobre Deus.

O segundo motivo pelo qual me dedico ao estudo histórico sério de Jesus é a lealdade às Escrituras. Para alguns de ambos os lados da linha que divide liberais e conservadores, essa pode parecer uma asserção extremamente irônica. Muitos estudiosos de Jesus dos dois últimos séculos obviamente jogaram as Escrituras pela janela e reconstruíram um Jesus bem diferente daquele que encontramos no Novo Testamento. A reação apropriada a essa abordagem, contudo, não é simplesmente reafirmar que, em razão de nossa crença na Bíblia, não precisamos fazer novas perguntas a respeito de Jesus. Como se dá em relação a Deus, também se dá em relação à Bíblia; só porque nossa tradição diz que a Bíblia afirma e significa isto ou aquilo, não nos exime da difícil tarefa de estudá-la com novos olhos, à luz do melhor conhecimento que temos a respeito de seu mundo e de seu contexto, para verificar se essas declarações são verdadeiras. Para mim, a dinâmica do compromisso com as Escrituras não é: “Cremos na Bíblia, portanto não temos mais nada a aprender”, mas, sim: “Cremos na Bíblia, portanto, é melhor descobrir todos os seus elementos para os quais nossas tradições (o que inclui tradições ‘protestantes’ ou ‘evangélicas’, que se consideram ‘bíblicas’, mas por vezes comprovadamente não o são) nos cegaram”. E esse processo de repensar abrange a tarefa difícil e, por vezes, ameaçadora de perguntar se algumas coisas que nossas tradições consideram “literais” não deveriam